

BANDIDOS ARMADOS TÊM DE ACABAR

— consenso obtido na reunião entre Samora Machel e os embaixadores dos países membros permanentes

do Conselho de Segurança da ONU

por Mário Ferro (texto) e Azarias Inguane (fotos)

O Presidente Samora Machel reuniu na tarde de ontem com os representantes diplomáticos, acreditados em Maputo, dos cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas. O tema deste encontro foi a situação política, militar, económica, social e cultural da África Austral, com maior incidência para o período que decorre desde a assinatura do Acordo de Nkomati, entre os Governos da República Popular de Moçambique e da República da África do Sul. No final da reunião, que durou cerca de duas horas e meia,

O Chefe do Estado reuniu com os embaixadores Wang Hao, da República Popular da China; Peter Jon de Vos, dos Estados Unidos, Eric Vines, da Grã-Bretanha, e Gerard Serre, da França, e com o Encarregado dos Negócios da União Soviética, Valeri Gamaion. Presente o Embaixador da República Socialista da Checoslováquia, Vaclav Brezak, na qualidade de decano do Corpo Diplomático.

O Presidente Samora Machel fazia-se acompanhar por Jacinto Veloso, Ministro na Presidência para os Assuntos Económicos, Mário Machungo, Ministro do Plano e dirigente da Zambézia, Oscar Monteiro, Ministro do

Interior, Prakash Rattilal, Governador do Banco de Moçambique, Daniel Mbanze, Vice-Ministro dos Negócios Estrangeiros, Teodato Hunguana, Vice-Ministro do Interior, e Fernando Honwana, Assistente pessoal do Presidente da República.

A reunião de ontem seguiu-se à conversa informal que o Chefe do Estado manteve com aqueles diplomatas na última sexta-feira, quando da recepção do Ano Novo oferecida ao Corpo Diplomático, em Maputo. Na altura, Samora Machel havia mencionado a necessidade de se fazer um balanço da situação prevalente na África Austral, envolvendo os representantes dos cinco

e realizada no Gabinete da Presidência em Maputo, o Chefe do Estado fez uma breve declaração aos jornalistas: Houve consenso entre os participantes, de que o banditismo armado tem de acabar no nosso País. Para tanto, concluíram que se torna indispensável a aplicação escrupulosa do Acordo de Nkomati pelos Governos dos dois países. Desta reunião entre o Presidente Samora Machel e os Embaixadores foi constatado, uma vez mais, que o Governo moçambicano está a respeitar, à letra e ao espírito, o Acordo de Nkomati.

países membros permanentes do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

O QUE JÁ É UMA TRADIÇÃO

Um balanço que foi instituído e que hoje, embora de prática nascida apenas em 1983, tornou-se uma tradição na cena política moçambicana, fugindo ao ortodoxismo que rege esse mundo imenso e fantástico que dá pelo nome de diplomacia.

O «Jantar da Paz» teve lugar nos finais de Janeiro de 1983, em consequência de um encontro que o Presidente Samora Machel manteve com os embaixadores daqueles cinco paí-

ses, durante a recepção do Ano Novo, realizada no dia 7 de Janeiro desse ano. Nessa altura, o Chefe do Estado havia alertado o Corpo Diplomático: Não ficar insensível ao banditismo armado e restabelecer a paz na nossa região.

O ano seguinte ingressou com letras de ouro, bem gordas, na História Mundial, quando os Governos da República Popular de Moçambique e da República da África do Sul assinaram, a 16 de Março, o Acordo de Nkomati — o Acordo de Não-Agressão e Boa Vizinhança.

Os vizinhos não se escolhem, os amigos sim — esta foi a visão do realismo que impregnou a sensatez do Governo moçambicano; para conter a escalada da violência, que poderia transformar-se rapidamente numa guerra generalizada, mais fácil teria sido a rendição do que a coragem em assumir factos históricos: um povo decidido a vencer, que transporta o peso da vitória de duas guerras, em busca da liberdade, independência, paz e progresso, é uma realidade que os moçambicanos não a criaram, mas fizeram-na sua por imposição da partilha africana pelas potências colonialistas europeias.

Mais fácil teria sido o recto cómodo do que a audácia do Governo moçambicano em obrigar a África do Sul, esse «poderoso e temível» vizinho, a ir à mesa das conversações e a aceitar o respeito pelos princípios universais da independência, soberania e integridade territorial. O direito Internacional prevaleceu.

UM BALANÇO NECESSÁRIO E ÚTIL

Samora Machel convidou os embaixadores a fazer o balanço da situação política, militar, económica, social e cultural na África Austral, com maior incidência, como frisou, para o que se passou e se passa depois da assinatura do Acordo de Nkomati entre os dois países vizinhos.

E o Chefe do Estado foi colocando



Depois da reunião realizou-se um encontro informal entre os Ministros e Vice-Ministros moçambicanos com os embaixadores, enquanto o Presidente da República falava, em privado, com os jornalistas.

as questões, clara e frontalmente, aos embaixadores dos cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança.

«Como é que os «cinco» sentem a presente situação? É boa, normal, anormal? Piou ou melhorou? E por quê? Se o Acordo de Nkomati atingiu, de facto, os objectivos pelos quais foi assinado — objectivos que são a paz, estabilidade, progresso e boa vizinhança? Significa o Acordo a liquidação total da violência, a razão principal do subdesenvolvimento e a razão pela qual ele foi assinado?»

— «A violência representa atraso» — disse o Chefe do Estado aos embaixadores, reunidos no seu gabinete de trabalho, quando começou a discutir-se a situação na região austral do Continente Africano, num encontro que se considerou como importante e útil e em que se viu a necessidade de o mesmo realizar-se com mais frequência.

No final de quase duas horas e meia de diálogo, Samora Machel disse aos jornalistas que se registou «uma atitude positiva» de todas as partes participantes e que se tinha chegado a um consenso: «os bandidos armados têm de acabar».

— «Todos estão preocupados com a aplicação escrupulosa do Acordo

de Nkomati por ambas as partes — afirmou o Chefe do Estado, para reter que os embaixadores deram mostras da vontade de fazer um apelo para que os seus governos intervessem nos esforços para o restabelecimento da paz e segurança não só no nosso País, como na África Austral.

— Porém, todos estão conscientes de que a República Popular de Moçambique aplica rigorosamente o Acordo de Nkomati — afirmou Samora Machel ao falar para os jornalistas presentes.

Depois da reunião, já num ambiente informal, o Presidente da República conversou com os Embaixadores, dispensando vários minutos em privado aos jornalistas, enquanto os Ministros e Vice-Ministros do seu Gabinete, que o acompanharam na reunião, mantiveram um vivo diálogo com os representantes diplomáticos.

No final, o Chefe do Estado agradeceu a presença dos Embaixadores, afirmando-lhes que, com a reunião, eles são portadores da imagem real do sentimento do homem moçambicano. Recordou uma vez mais a importância de se realizarem com mais frequência encontros desta natureza.

— Podemos estar a cometer erros sem estarmos a ter consciência disso.

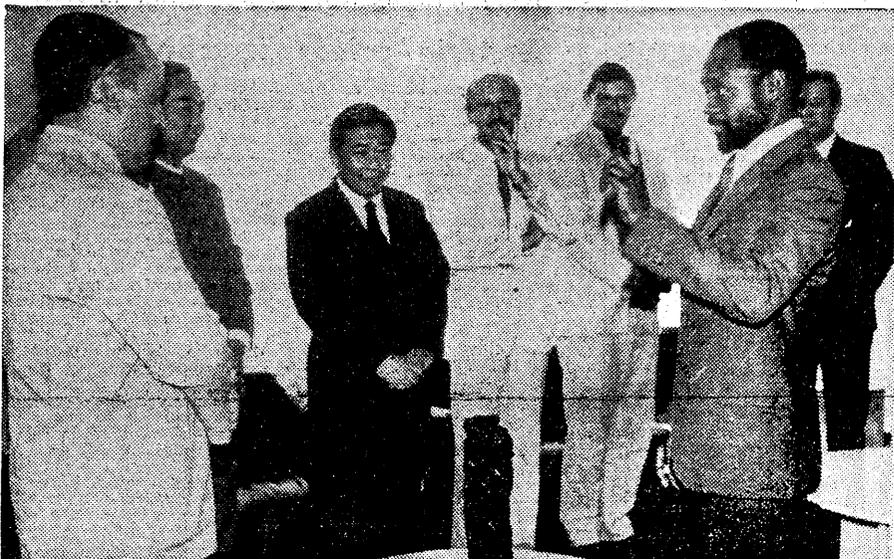
A discussão é útil e encoraja-nos a prosseguir com a nossa luta — disse o Presidente Samora Machel.

Neste diálogo, Samora Machel recordou o que é a História: o domínio inglês na região — Suazilândia, Lesoto, África do Sul, Zimbábue, Zâmbia, Malawi e Tanzânia, foram colónias britânicas e Moçambique surgiu como um corpo estranho, outrora colonizado pelos portugueses.

Portugal é um país subdesenvolvido. Colonizava em África, mas era economicamente colonizado pelos ingleses e culturalmente colonizado pelos franceses. Os Estados Unidos, outrora colónia inglesa, aparecem como uma potência por toda a parte do Mundo e não estiveram ausentes na região.

— A Grã-Bretanha, a França e os Estados Unidos, conhecem bem esta região — disse o Presidente Samora Machel, que recordou que alguns aspectos desses conhecimentos dizem respeito aos problemas tribais e raciais.

A União Soviética, a China e a Checoslováquia não podem compreender estes problemas, porque aparecem na região após a independência de Moçambique. Não têm condições para compreender este fenómeno, que é o banditismo armado, porque não têm um passado colonial.



O Presidente Samora Machel falando com os embaixadores dos cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, na reunião ontem realizada em Maputo